

# A BORBOLETA

## BOA NOVA

O exc.<sup>mo</sup> marquez de Vallada, D. José de Menezes da Silveira e Castro, prometteu-nos a sua valiosa collaboração litteraria.—Offereceu-nol-a cavalheirosamente.

A *Borboleta* aguarda ansiosa a primeira apparição dos escriptos do nosso illustrado governador civil, entre os dos cultores dedicados das lettras a quem deve auxilios inolvidaveis.

Agradecimento e reconhecimento eternos—cordiaes e indeleveis—ao titular illustrado do nosso paiz, que a nossa imprensa jornalística se ufana de contar entre os seus membros distinctos.

Devemos esta communicação auspiciosa ao nosso collaborador assiduo o snr. dr. Pereira-Caldas, a quem o nosso amavel e illustre fidalgo fizera a mesma promessa.

DIAS FREITAS.

## CONSOLAÇÃO

Que seria de mim n'esta anciedade,  
Sem a taça que os animos alenta,  
Que nos transporta em dias de tormenta  
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que sem piedade  
Por mim fingira uma paixão violenta,  
Risse agora do amor que me atormenta,  
Risse ha muito da minha ingenuidade!

Podia, modelando-me no Othelo,  
Ou no Sire feroz, que a trova canta,  
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo;

Mas, em lugar de sangue e furia tanta,  
Derramemos n'est'alma o licor bello  
Que do pámpano brota e a vida encanta.

JOÃO PENHA.

## ANNEIS DE SATURNO

I.—No decurso de 1656, reconheceu *Huygens* pela primeira vez, que ao planeta Saturno circumvolvía um *annel*, sombreado com *escuros* intermedios.

Apesar da surpresa e curiosidade, com que anteriormente observaram o planeta

os astrónomos *Galileu* e *Hevelio*; nenhum d'elles tinha attingido ainda uma explicação plausivel dos *appendices* de Saturno.

*Galileu*—tinha começado as suas observações em 1610, poucos annos depois da invenção do telescópio.

*Huygens*—tinha-as começado auspiciosamente em 1654.

O dantziguense *Heveik*—appellidado *Hevelio* á latina—tinha ampliado as observações do astrónomo de Pisa, e preparado as do astrónomo da Haya.

II.—Com o decurso dos tempos, dividiram-se as opiniões dos astrónomos á cerca da natureza do *annel* de Saturno.

Individual-as a cada uma d'ellas—ultrapassaria os limites d'um artigo, e desdiria da indole da *Borboleta*.

Bastará dizer-se apenas, que o astrónomo *Herschell* achára pouco provavel a divisão do *annel* em *dois*, como parecia resultar das observações anteriores dos astrónomos *Ball* e *Cassini*:—e que o grande *Laplace*, para poder conhecer qual fosse a figura dos *anneis* de Saturno, seguira o mesmo caminho trilhado pelo grande *Newton*, nos calculos da determinação da figura dos planetas.

Suppunha *Laplace* no entanto, que eram solidos os *anneis*; e as observações dos astrónomos ulteriores não confirmam semelhante presupposição.

Dos trabalhos de *Maxwell* e *Hirn* a este respeito—com os dos observadores que os complementam—estão repletas as paginas dos annaes astrónomicos, e as dos repositórios jornalísticos respectivos.

III.—A'cerca d'este assumpto importante, acaba de sahir á luz no Porto uma obra prestimosa.

Imprimiu-se na typographia central da rua das Flores, n'um volume esplendido em folio pequeno—esmerado no typo e no papel, e na cartonagem respectiva.

Tem por titulo—*Será indefinida a existencia dos anneis de Saturno?*—E é uma bella *Dissertação de Concurso*, escripta pelo antigo alumno do lyceu bracarense—o nosso engenheiro-civil *Rodrigo de Mello e Castro d'Aboim*, professor commissionado de construcções civis e tecnologia rural no Instituto Industrial do Porto.

Folgamos d'annunciar ao amadores este escripto valioso, agradecendo aqui publicamente—ao nosso antigo alumno em

mathematica, e em introdução aos tres reinos da natureza — o exemplar com que se dignára brindar-nos, offerecendo-nolo com expressões de discipulo cavalheiroso.

IV.—Eis-aqui o *summario* das deducções do nosso antigo discipulo distincto:

(1)—Os *anneis* de Saturno não podem ser immoveis.

(2)—O movimento de rotação, concentrico com o planeta, determinaria a destruição prompta e inevitavel dos *anneis* suppostos *solidos*.

(3)—O movimento excentrico, admittido por *Laplace*, daria origem á divisão dos *anneis* em maior numero d'*anneis* distinctos.

(4)—Cada um d'estes *anneis* definitivos seria necessariamente aniquilado em breve praso, pela intensidade dos esforços activos que o solicitavam.

(5)—A hypothese dos *anneis solidos* é totalmente inadmissivel.

(6)—Os *anneis liquidos* ver-se-hiam em pouco tempo nas condições desvantajosas dos *anneis solidos*; e no predominio de qualquer das forças activas teriam a causa d'uma destruição certa.

(7)—Os *anneis gazosos* satisfazem completamente as exigencias da analyse; confirmam os resultados da observação; harmonisam-se com a uniformidade dos phenomenos naturaes; e não estabelecem uma hypothese gratuita, que nenhum facto autorise.

(8)—Os *anneis* de Saturno são constituídos de *substancias aeriformes*, vivendo actualmente uma vida de transição, e caminhado progressiva e lentamente para o planeta de que são *satellite*—e que vão dotar dos elementos indispensaveis á vida organica do nosso globo.

V.—E' agradavel a exposição das doutrinas do nosso *Rodrigo de Mello*—irradiada sempre de brilhos de luz, e galvanisada opportunamente de patriotismo caloroso.

Assim o vemos na pag. 58, quando este nosso antigo discipulo—em allusão á nossa *Vindicação da prioridade do fabrico do papel com massa de madeira como descoberta portugueza*—reclama para o nosso paiz a gloria que nos cabe, e de que nada póde privar-nos, na descoberta da lei da attração antes de *Newton*.

Eis-aqui as suas proprias palavras:

«Pertence-nos uma parte muito importante da *gloria newtoniana*:—mas é da essencia das nossas *conquistas* circumda-

«rem de louros as fronte magestosas dos individuos extranhos!»

Braga.

Pereira-Caldas.

## CARIDADE MODERNA

A' exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Philantropia

A antiga Caridade, a irmã da Esp'rança,  
A virgem toda amôr, que amôr só dava,  
Não prende já modestamente a trança,  
Não usa o longo véo que a occultava.

Hoje véste conforme os figurinos  
De Pariz e Madrid. Vae aos passeios,  
Lê Bellot, e recita alexandrinos  
E gosta de ouvir dôces galanteios.

Tem no theatro uma escolhida frisa,  
Usa penteados que ninguém define;  
Tem rendas de *Malines* na camisa  
E põe nas faces pó de *Véloutine*.

Vae em trem á *Daumont* vêr as corridas,  
Bebe champagne e ri como estudantes;  
E nas manhãs de gôlo, desabridas,  
Vae patinhar com fatos elegantes.

Na Hispanha, sob um sol cheio de ardôres,  
A vi um dia, as faces abrasadas,  
Sorrindo na tourada aos *matadôres*  
E a fumar cigarrilhas perfumadas.

A Caridade assim é mais formosa,  
Mais *chic*. N'outro tempo já distante  
Entrava onde a doença tormentosa  
Ia minando um velho agonisante:

Levava o pão á triste da orfandade  
E enchugava o pranto dos que choram...  
Mas hoje hade ella andar pela cidade,  
A saber dos que soffrem, onde moram?...

Hade assim machucar o seu vestido,  
Hade sujar as lindas mãos de neve  
No casébre onde sóffre o desvallido?...  
Era feio por certo! não, não deve!...

.....  
A Caridade já não tem vagâres;  
A *toilette* prende-a; é o seu creado  
Que leva ao pobre os restos dos jantares:  
—E' mais commodo a até... mais accado.

Lisboa.

VICENTE NOVAES.

## AS CASAS CIRCULARES DA CITANIA DE BRITEIROS

Entre os factos curiosissimos que se offerecem a exame nas ruinas da Citania, sobressae o mui singular da construcção das habitações—circulares em grande maioria, apparecendo tão sómente uma elliptica, outra semi-circular, e algumas quadrangulares.

As casas redondas; certas designações locativas; e os testemunhos historicos da migração celtica do sudoeste para o noroeste da península; levam-nos a crer que taes restos, assim como outros identicos agora apontados na pittoresca provincia do Minho, são d'origem celtica.

Embora em gregos e latinos tanto se diga dos celticos, apenas em *Strabão* e *Vitruvio* se descrevem as moradas usadas por taes povos. E note-se, que tanto o geographo, como o architecto, apenas os conheceram n'um estado muito outro já do primitivo; e que só nos fallam do modo de edificar proprio de gaulezes.

Vitruvio viveu sob Cesar e Augusto; Strabão, sob Augusto e Tiberio.

Eis as proprias palavras de Strabão: «As casas dos gaulezes, contruidas de taboas e grades de vime, são espaçosas; e tem a fórma de rotundas: são cobertas por espessos colmados (*Geog. de Strabão*.—Trad. Tardieu, T. 1.º pag. 326).

Nenhuma noticia porém ácerca dos muros de apoio e resguardo, que sempre acompanham as construcções citanicas. Como se vê temos egualdade apenas na fórma circular.

*Cesar* não escreveu das casas vulgares, mas sim dos systemas de fortificar, que—mui naturalmente—mereceram a attenção do famoso guerreiro. Nos *Commentarios da guerra gauleza* nos conta como os celticos procuravam a vizinhança de rios e florestas:—«silvarum ac fluminum petunt propinquitates» (*Bell. Gall.*, VI, 30)—e nos descreve, com descripção de entendedor cuidadoso, a maneira de levantar muros de defeza combinando grossas vigas, que resistiam ao embate dos arietes, e pedras que zombavam dos incendios.

*Tito Livio* tambem menciona a singular aptidão celtica para erguer trincheiras e escavar fossos. (*Liv.* 38, 19). Por isto se conclue serem habilissimos estes povos, no que modernamente se chama fortificação passageira.

A posição da Citania, encimando um comoro de asperos declives, flanqueado a pouca distancia pelo Ave, e em parte da faldá pelo Guiz, que lhe formam defeza natural, corresponde á observação de *Cesar*: e tambem, a meu ver, a disposição dos muros de defeza se approxima das descripções citadas; pois mais parecem trincheiras, que propriamente muralhas. De modo que, fallando da Citania, me parece ser mais exacto dizer—povoação intrincheirada que muralhada.

As grossas traves não resistiram ao tempo, ou foram aproveitadas depois da tomada da povoação, desmoronando-se os muros n'um tripulo cordão sinuoso, hoje guarnecendo a varias distancias a porção mais elevada do cabeço granitico.

Nas casas tambem não apparecem vestigios de madeiras, e surgem outras particularidades de construcção.

Todavia não deve a tal carencia conceder-se importancia; pois o emprego de madeira e pedra só em certas casos poderia realisar-se.

Na Citania, e com certeza na maioria dos cabeços minhotos, abunda a pedra que é optima para construcções.

As especialidades da Citania consistem: uma, nos muros de resguardo, que póde dizer-se constituem entrada coberta, e defeza particular a cada uma das casas; outra, na obliquidade das fiadas de pedra. E ainda se nota em algumas paredes, a descoberto, certa inclinação, como que de começo de abobada; e não é devida a peso de terra, nem outras causas naturaes.

Estas circumstancias são importantissimas; e podem talvez esclarecer no futuro a monographia d'esse ramo da familia celtica, que abandonando as margens do Anas—foi estabelecer-se na região de Limia.

Nem *Contzen* (*Die Wanderungen der Kelten*, pag. 78-79) nem *AMEDEU THIERRY* (*Hist. des Gaulois*,—T. 1.º pag. 461-462), que tão escrupulosamente indagaram nos escriptores antigos este assumpto, mencionam as particularidades aqui notadas.

A proposito apontarei uma passagem do erudito francez: diz elle, que no paiz de Galles se encontram ruinas a que o povo dá o nome de *casas de Gauls=cyttiae y guydolod* (*Hist. des Gaul.*, pag. 113).

Evora.

GABRIEL PEREIRA.



## POST TENEBRAS

Acolhe-me ao teu seio, ó flor das esperanças,  
Mãe do amor, da orphandade; enlevo das creanças  
Sacario do infortunio, envolucro do bem!  
Eu venho fatigado, exausto e quasi enfermo..  
Debalde caminhei; o desejado termo  
Não me foi dado achar... fica da campã alem.

Porto, 1870.

ALFREDO CARVALHAES.

## PHOTOGRAPHIA DE COSTUMES PORTUGUEZES

D'um livro inedito que tem por titulo  
—*Photographia de costumes portuguezes*,  
vamos extrahir parte do capitulo—*Prepara-  
ros para fazer deputados*.

O leitor julgará do livro pela amostra.  
«Era o tempo em que os deputados  
velhos iam ser substituidos pelos deputa-  
dos novos. O ministerio caíra, e o que  
lhe succedeu mandou bugiar os paes da  
patria.

Despedida inutil: elles estavam promp-  
tos a servir o novo senhor, porque o pa-  
triotismo os impellia naturalmente a esse  
suave sacrificio.

Mas era costume fazer-se assim, e as-  
sim o fizeram para evitar nullidades... Que  
se salvem os principios—dizia o presidente  
do novo gabinete—embora os deputados  
sejam os mesmos.

E marcou-se o dia para as eleições.

Esta festa tem solemnissimas vespe-  
ras. E' reinação que dura larga tempora-  
da. Chega então a vez do povo e dos miu-  
dos. Confundem-se grandes e pequenos, e  
a dignidade humana não tem altos nem bai-  
xos. Realisa-se o sonho da ideia nova. Come-  
ça a quadra risonha das cartinhas patrioti-  
camente amorosas, dos olhares ternos, dos  
apertos de mão, das promessas, das es-  
peranças, dos empréstimos, dos segredi-  
nhos.—Anda a taça da amizade de mão  
em mão, sempre trasbordando do sagrado  
licor do patriotismo e da fraternidade. E'  
a epocha mais cheia de encantos para  
o contribuinte eleitor. Cria relações íntimas  
d'um dia para o outro. Trata mano-a-ma-  
no com as sumidades politicas, litterarias,  
theologicas e financeiras. Vê-se do pé para  
a mão cercado de amigos sinceros. Faz  
o que quer, em quanto os irmãos fazem o  
que podem. O codigo de urbanidade, fe-  
chado a sete sellos até essa occasião, abre-  
se, e cada cidadão politico lê de cadeira  
em materia de polidez, e boa creação.

No escriptorio d'um advogado:

—«Oh! meu respeitavel amigo, pois  
V. S. tem influencia, e está de pé!—é  
eleitor, e não dispõe d'esta casa como se  
fosse sua?!—diz o jurisculto a um la-  
vrador manhoso que o vem consultar.

—Eu alguns votos tenho, lá isso é  
verdade, em boa hora o diga: mas os  
impostos aleijam-nos, levam-nos couro e  
cabello...

—Tem razão, e é para os deitar todos  
abaixo que trabalhamos. O povo geme n'u-  
ma golilha de ferro. A esponja dos tri-  
butos bebe todo o suor do trabalho. Mas  
hão de acabar; ajude-nos.

—N'esse caso... faça-me o favor de  
fazer um requerimento, de modo que um  
credor que me aperta, perca a esperanza  
de cobrar de mim nem um real da divida.

—Pois não: temos leis para tudo...

No gabinete d'um engenheiro:

—Oh! meu caro cidadão! Ha quantos  
annos o não conheço eu de nome, e só  
agora tenho o doce prazer de o apertar  
em meus braços! Com que entã vinte vo-  
tos, fechadinhos na mão!—Muito devo ao  
meu compadre em me conseguir a sua va-  
liosissima protecção!

—E se me levassem a estrada pela  
beira da quinta, dobrava a parada.

—Dobrava a parada? Isso é forte.

O engenheiro desenrola uma planta, e  
medita:

—Duas leguas de differença para mais;  
tres pontes e um *tunel*... Pode ser: fu-  
gimos assim d'aquella grande planicie, que  
no tempo d'inverno é muito humida, e pou-  
pamos aos passageiros alguma febre inter-  
mittente. Traga-me um abaixo assignado.

—Essa é que é dos diabos! Se é in-  
dispensavel isso, estamos mal, porque os  
meus quarenta votantes não sabem ler  
nem escrever...

Na administração do concelho:

—Este homem insultou-me: bateu-me  
por eu lhe pedir o aluguel da casa ven-  
cido ha dous annos. Venho pedir justiça,  
senhor, e eil-o ahí está a rir-se de escar-  
neo; e vinha pelo caminho a judiar co-  
migo, e a dizer que tem um *voto*. Não  
sei o que quer dizer com aquillo...

—Está bom, perdoe-lhe. Christo tam-  
bem perdoou. Se a gente não desculpa as  
faltas leves do proximo, não lhe serão des-  
culpadas as suas. Va ali pela botica e

cure-se, que é o que deve fazer. Isto foi uma brincadeira.

N'uma *soiree* familiar :

—V. exc.<sup>a</sup> é a rainha da festa.

Este dito espirituoso e novo é atirado a uma mulher que anda pelos cincoenta, e levou toda a vida a comer e a engordar.

—Oh! senhor... balbucia timidamente a matrona.

—Não ha duas opiniões, exc.<sup>ma</sup> Vejo ahi meninas galantes, mas falta-lhes a gravidade encantadora, que só o tempo dá aos seus escolhidos; e aproveito a occasião para pedir a v. exc.<sup>a</sup>...

—O que?... diga, diga.

—Arranjar com o snr. seu marido, commendador muito apreciavel pelas suas virtudes philantropicas, que elle vote no meu illustre amigo Z, cujas luzes, independencia e patriotismo, já elle assignou na circular que escreveu aos eleitores.

—O seu amigo será servido. Quem tem procuradores tão amaveis como o snr. deve ser muito feliz.

—Oh! minha senhora... V. exc.<sup>a</sup>, é um anjo.

E por este theor na rua, na sachristia, no hospital, na feira, na sala, o doce mel da sedução nas palavras, e o sorriso ainda mais doce nos labios, o que é inquestionavelmente muito preferivel á má creação, e grosseria de todas as outras epochas.

Terminada a patuscada. Saidos da urna os mesmos legisladores, ou outros parecidos, volta cada um ao seu lugar, até que os fados amigos lhe proporcionem outra occasião em que se falla muito na soberania popular, nos direitos inauferiveis do povo, na liberdade do voto, e na—autonomia da patria ameaçada...—

F. C.

### SONETO

(Arcadico)

Se qual o inquieto pensamento,  
Caro Almeno, voar nos fosse dado  
Aonde agora está nosso cuidado,  
D'onde ausentes vivemos em tormento:  
Galgando o espaço immenso 'num momento,  
Quem nos prendêra o vôo desejado?  
Já da cruel saudade o ferro ervado  
Não requintára o nosso soffrimento.

Qual agulha polar buscando o norte,  
Cada um de nós seu norte buscaria;  
Embora 'nelle nos vibrasse a morte.  
Venturosos, então, maga alegria,  
Gozáramos em fervido transporte,  
Tu nos braços d'Elimia, eu nos d'Armia.

CORREIA JUNIOR.

### BRIC-À-BRAC LITTERARIO.

Snr. Director.—N'uma terra em que floresce um grande investigador e sabio, como o dr. Pereira-Caldas, e n'uma redacção onde eu vejo os nomes de escriptores d'alto valor, como os dos snrs. Fernando Castiço e João Penha, e os de outros mais, muito me admirei que não apparecesse ninguem que explicasse a origem das phrases, que o mimoso poeta Gonçalves Crespo enviou para o *Bric-à-Brac*.

Eu que não sou sabio, e que simplesmente me considero o mais somenos dos curiosos em materias de philologia, andei a matutar comigo durante semana e meia na seguinte phrase = *Nascer dentro de um sacco* = uma das phrases cuja explicação vem pedida no *Bric-à-brac*. Consultei o abbade da minha freguezia, sabio de rara modestia, que está escrevendo um volume a respeito da Citania, fallei com o boticario não menos sabio que o tonsurado supradito; e revolvi os graves e pesados cartapacios do nosso advogado, mas tudo de balde. E sabe quem foi que afinal me deu a solução do problema, que me trazia alheado e tão fóra de mim? O esgalgado mestre regio do meu lugar.

Ahi vae como o bom do homem me desvendou o mysterio:

—Nascer dentro de um sacco, disse-me o preclaro mestre, significava para os antigos uma felicidade constante; e indicava ainda que o individuo de que se dizia tal cousa, estava talhado para os mais altos destinos.

—Mas, cortei eu, isso nada me explica. O que dezejo saber é a procedencia da phrase; pois a significação d'ella, isso toda a gente o sabe.

—E' verdade, continuou o mestre pavorrentamente; e fechando o olho esquerdo absorvia pela narina direita uma demorada e voluptuosa pitada: é verdade, você tem razão. Em me explico melhor.

Nascem as creanças ás vezes com a cabeça envolvida na membrana—*amnios*—

que é assim á similhaça de um sacco... Olhe, n'outro dia, deu-se isto com o filho da Joaquina do Portêllo. Ora os romanos entendiam que a creança que assim nascesse, era privilegiada e abençoada pelos deuses. Chegou a ponto a confiança que depositavam n'essas coifas, se assim me é permittido dizer,—que se cortavam aos pedacinhos e ás tiras, e o possuil-as era como uma prevenção contra futuros perigos e desgraças. Compravam-n'as por alto preço,—traziam-n'as ao pescoço como amuletos. Os grandes homens, capitães e oradores respeitaveis, traziam-nas sobre o seio; e até os primeiros christãos, chegaram a mandar benzer nos altares essas coifas ou saccos. O grande S. Chysostomo, o bocca d'ouro como lhe chamavam, clamou, e insurgiu-se violentamente contra este preconceito.

A crença dos antigos na efficacia dos taes saccos, baseava-se no seguinte:

Visto que a natureza cuidára d'essa creança, fazendo com que ella não tivesse frio na cabeça, era porque infallivelmente a protegia, e porque n'ella depunha as maiores esperanças: o seu futuro portanto não podia deixar de ser felicissimo.

D'aqui vem, rematou o mestre, talvez a phrase *nascere dentro de um sacco*.

E acabando de me explicar isto, o bom do mestre, sorveu outra pitada, e lá se foi em direcção da sua aula.

E eu vim escrever logo isto, julgando provavel que v. me queira acceitar tambem as duas seguintes phrazes cuja origem ignoro:

*Fallas francez como uma vacca hespanhola, e Dar ás de Villa-Diogo.*

De v. constante leitor

TRES ESTRELLAS.

### AO MEU AMIGO ACACIO ANTUNES

Agrada-me o teu estro, meu Acacio;  
Com elle fica o *Bisturi* mui sécio;  
Mas o tal *Bisturi*, meu caro, empece-o,  
Quando mesmo tu sejas outro Horacio.

Se não gostares d'isto, amigo, esquece-o:  
No teu impio cantar só vejo indicio  
De pretender mostrar-te, no bolicio  
Dos novos *Catóes*—*Brutos*, um Lucrecio.

Menino, é bem melhor nas horas d'occio  
Cantares o barão moderno,—o sucio  
Que ao frade succedeu, e hoje é teu socio...

Satyrisa a qualquer José João Lucio;  
Castiga com pilheria o povo obnoxio;  
E desiste de ser luso Confucio.

Figueira da Foz 2 de julho de 1875.

JOSÉ D'ORNELLAS.

*Nota do auctor*: — Para se entender bem este soneto, é necessario exhumar, e dissecar com o *bisturi* do senso commum, o cadaver do *Bisturi microscopico*.. infante, dado á luz pela Cidade-invicta (*ridiculus mus*), e que feneceu logo depois de ter nascido,—se é que não vinha já morto...

### CARTA Á MINHA AMIGA VIRGINIA

A mulher, Virginia, para ser livre, ha de considerar-se sempre captiva: uma vez que ella estale as cadeas mais ou menos duras que lhe cinjam os pulsos, ver-se-ha reduzida á escravidão mais humilhante e abjecta, que é possivel imaginar-se.

Isto parece uma contradicção, mas não é. Nunca, em tempo algum, ella deve sequer tentar sacudir o jugo das exigencias inherente á boa sustentação do equilibrio social: todavia se apresentar, em quanto solteira, indicios de querer isentar-se d'elle, póde-se-lhe desculpare até esquecer-se o extravio, considerando-se como impulso de um coração verde e livre de obrigações elevadas. Mas tornada esposa e mãe, as más acções tem uma medida tão recta, uma bitola tão curta, que, para as não ultrapassar, necessario é haver amplissima circumspecção e prudencia: e ultrapassadas, a mulher, pode ainda ser razoavel mas não boa, a mãe desvelada mas não exemplar.

O pensamento fixo, o cuidado intimo da mulher, esposa e mãe, deve ser seu marido e seus filhos: a vida ruidosa das salas, e o grande bulicio do mundo elegante, passar-lhe-hão pela mente como um sonho que não lega saudades.

O homem, creado para as grandes acções, e de uma complicação proporcionada a ellas, olha com indifferença muitos incidentes, que nos definham e torturam a nós; mas quando a sua alma se deixa vencer pelo soffrimento, elle é um vulcão cuja menor lava são as lagrimas escandecentes, que lhe sulcam as faces.

Então, nesses momentos turvos, ella, a esposa precisa fazer brotar da sua natural fraqueza uma força extra-natural, para, animada della, poder encerrar no seu coração, nesse vaso tão pequeno e ao mesmo tempo tão grande, a dôr que o estado penoso de seu marido deve causar-lhe; para lhe apparecer serena, qual pedaço de veo, a rasgar as nuvens da tempestade que a cerca; terna, qual pomba de candura a quebrar a taça de fel que elle sorve; maviosa, qual balsamo saudavel a cicatrizar as feridas que o dilaceram; forte, qual anjo de crenças a dulcificar-lhe o presente, ensinando-lhe a esperar no futuro.

O homem que escolheres para esposo, será um desses espiritos d'eleição, que, nunca distanciado da senda da virtude, veja em ti e nos entes a quem deva ser umas partes de si propria, a exigirem-lhe os mais santos desvelos: e que do mesmo modo que a hera procura no tronco a que se enlaça a sustentação da sua vida, elle busque tambem no centro da familia que formou, a felicidade da sua alma. N'este caso os espinhos da sua difficultosa missão, ficando embotados nas pétalas das flores que elle te offerece, tocar-se-hão apenas levemente; mas se ao contrario d'isto o vires seguir um trilho errado, e que, tendo por unica occupação a completa satisfação dos seus mais reprehensíveis desejos, te acredita uma nuvem tempestuosa, que lhe apparece no horizonte da sua existencia, a impedir-lhe de ver, em todo o esplendor, o sol brilhante que imagina estar alem a sorrir-lhe, sobre um mundo que sonhou de gozos em que pretende mergulhar-se, (não sendo realmente em sol mais que uma chama devastadora, e esse mundo um montão de lodo, cujas exalações tábidas hão de aturdil-o cedo, se inconsiderado lhe cahir no seio), terá então de supportar um terrível martyrio, que se te tornará tanto mais longo, quanto for menor a força moral com que o affrontes.

(Continua)

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ.

## CARAPUÇAS

### I

Aos bailes vão *mininos* com chibanças  
de serem dos salões a negra inveja!...  
E apenas são galfarros da bandeja!  
Gutherpes pigmeus das contradanças!

A's damas fazem *côrte*... e dão esp'ranças  
fataes para o futuro—salvo seja!—  
Sea um pae alguém disser:--Repare..veja...  
Responde: «Coitadinhos... são crianças.»

E, os taes gallispos vão (inda sem crista)  
julgando-se uns Sultões!... *esganifados*,  
com *pernas d'elefante*; o *pomo á vista*,...

e *ferros d'engommar* nos pés caiçados!  
Mas ficam a *ganir*—como um corista—  
se um *biscoito* lhes dão... dos mais *tostados*!

Porto, 77.

DAVID DE CASTRO.

## PASSADO, PRESENTE E FUTURO

(Ao meu amigo Almeida Pinheiro)

Quando, percorrendo as paginas da historia patria, a cujo estudo applico os raros momentos d'occiosidade, deparo com algum dos brilhantes quadros da nossa existencia politica, o coração parece remontar áquellas epocas cavalheirescas e patrioticas, e nas azas da imaginação atravessar as idades e os seculos, trazendo ao presente os factos do passado.

Que vultos grandiosos! Que corações d'heroes bateram no peito dos nossos antepassados, a cuja descendencia nos deviamos envergonhar de pertencer, cuja ascendencia deviamos occultar para não tornarmos mais saliente a vergonha do presente!

Afonso Henriques, fundador da nossa monarchia; Egas Moniz, que sacrificou a vida pelo seu rei; Martim Moniz, a lealdade personificada; D. João I, que apesar de bastardo tinha um verdadeiro coração de rei; Nuno Alvares Pereira, o valente guerreiro que:

...sopesando a lança quatro vezes,  
com força tira, e d'este unico tiro  
muitos lançaram o ultimo suspiro

(Luziadas Canto IV, Est. 38)

Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, ousados navegadores; Albuquerque, Pachecos, Castros, guerreiros sem rivaes, tomam a meus olhos as formas grandiosas do gigante Adamastor, que Camões eternisou n'estes sublimes versos:

Arripiam-se as carnes e o cabello  
a mim, e a todos, só de ouvil-o e vel-o

(Lusiadas Cant. V, Est. 40)

Mas a epoca da nossa historia que, sobre todas, mais me prende a attenção, é a da fundação da nossa monarchia. N'este paiz regado pelo sangue de mil povos, assolado pelos exercitos carthaginezes, romanos, godos, visigodos e arabes, n'esta terra de heroes, de cujas proezas apenas existe a tradiçãõ, nasceu um povo livre, pequeno pelo territorio, grandioso pelo coraçãõ de seus filhos.

Portugal nasceu fraco e opprimido. De um lado os exercitos leonezes ameaçavam destruir o throno ainda vacilante do vencedor de Santarem, do coroadado de Ourique; d'outro, as hostes agarenas, cicratisando-se das feridas recebidas, preparavam-se para novao pelejas, para sangrenta desforra.

(Continua)

Porto.

ARAUJO CARVALHO.

## QUADROS

VI

### Historia antiga

A lua vae mostrando a face esbranquiçada  
A's planicies gentis das languidas aldeias,  
E ao longe, de uma casa antiga, acastellada,  
Desenham-se no espaço as lobregas ameias.

E' noute de noivado ali... subindo a escada  
Vão filhas da Opulencia—estolidas sereias,  
E os Cresos de luneta e farda agaloada  
Lisongeam a noiva em doces melopêas.

E a noiva muda e fria! estatua da Saudade,  
Recorda o trovador que aos toques da Trindade  
Lhe hia cantar amor s por baixo do balcão.

Como não ser assim, se o rispido fidalgo  
Altivo como um rei, teimoso como um galgo,  
Levava em holocausto a filha ao deus-Milhão?!...

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

## BIBLIOGRAPHIA

*Historia universal de Cesar Cantu — Resenhas das familias illustres.*

O snr. Francisco Arthur da Silva, um dos nossos mais honrados e laboriosos editores, está actualmente fazendo duas publicações das mais interessantes e mais uteis.

E' a primeira a 2.ª edição do «Historia Universal» de Cesar Cantu, esmerada traducção do snr. Lopes Branco, que a tem enriquecido com valiosas notas e versãõ dos varios textos que se acham no origi-

nal e que na primeira edicção não foram traslados para portuguez.

De todas as obras que devem ornar o gabinete d'um homem estudioso de certo que é a «Historia Universal» uma das indispensaveis. Não só recreia, mas instrue e desenvolve o espirito para largas lucubraciones. Estudar o passado, é saber apreciar o presente e até prever os acontecimentos que o futuro terá de escrever na tela dos seculos.

Proporcionar pois ao publico a adquisição d'estas obras é prestar um grande serviço.

Publicações d'estas, em geral custosas, somente por meio de fasciculos podem ser compradas por aquelles, que não podem dispendir sommas mais quantiosas para as obter. E' este serviço que faz o snr. Arthur da Silva, pondo ao alcance de todas as bolsas esta obra, dividida em folhas, por um preço, relativamente barato.

Estão já publicados 27 fasciculos, os quaes se podem adquirir ainda por assignatura; cada uma das quaes, com 80 paginas de impressãõ, em optimo papel, apenas custa 250 réis.

—A outra publicação, não menos interessante é a «Resenha das familias illustre».

Esta obra, depois de concluida, formará um luxuoso volume proprio para figurar nas salas da nossa aristocracia, que a ella decerto diz mais respeito.

Encontra-se n'estas formosas paginas, nitidamente impressas, a noticia de todas as familias illustres, com todos os dados historicos e biographicos, acompanhadas dos respectivos brasões.

Destas publicações não estamos costumados a ver sahir dos nossos prélos; são ellas de grande despeza, e só um homem, que procura pelo trabalho enriquecer a nossa litteratura, conciliando o interesse com a utilidade, se abalança a taes commettimentos.

Tem elle felizmente visto coroados sempre os esforços em muitas publicações de igual merecimento que tem feito no largo periodo da sua vida de editor.

O snr. Arthur da Silva vae tambem brevemente publicar uma interessante obra do nosso amigo o snr. dr. Theophilo Braga, um dos nossos mais erudictos escriptores.

O illustre professor do curso superior de lettras escreveu um poemetto para a festa litteraria de Cervantes.

C. GOODOLPHIM.